

VII CONGRESSO INTERNACIONAL IMAGENS DA MORTE: TEMPOS E ESPAÇOS DA MORTE NA
SOCIEDADE

O CEMITÉRIO COMO “MUSEU A CÉU ABERTO”

Maria Elizia Borges

UFG/ PPGH/ Brasil- maelizia@terra.com.br

RESUMO: A presente comunicação propõe abordar questões que envolvem a denominação de alguns cemitérios convencionais como “museus a céu aberto”. Hoje os museus são considerados “lugares de memória” a serviço do desenvolvimento social, na compreensão teórica e no exercício prático da memória como direito de cidadania, segundo a pesquisadora Suely Lima de Assis Pinto (2011). Boa parte dos museus e alguns poucos cemitérios possuem um organograma de ações e políticas internas que contribuem para definir o caráter museológico das suas instituições. Museus e cemitérios desenvolvem ações similares, pois partem do mesmo princípio: conservar artefatos materiais que causam estranhamento e produzem conhecimento, contribuindo para o diálogo entre o presente e o passado. Atualmente, podemos considerar os museus e os cemitérios como “fábricas de grandes eventos”. Interessa-nos explicitar a variedade de ações educativas instituídas que visam sensibilizar a comunidade para a preservação do patrimônio cultural dos cemitérios, tornando-os “museus a céu aberto”, como “lugares de memória” e locais expandidos da cidade que se renovam constantemente.

Palavras-chave: cemitério; museu a céu aberto; acervo artístico; educação patrimonial; memória histórica.

Um lugar a ser preservado

Por muito tempo perdurou uma visão pejorativa sobre o conceito de museu, visto então como um lugar de depósito de objetos que perderam o valor de uso. Diríamos que, no início do século XX, os primeiros críticos de arte moderna no Brasil tinham preconceitos análogos sobre o teor eclético dos monumentos funerários instalados nos cemitérios convencionais do século XIX. Ao visitarmos os museus históricos e de arqueologia, percebemos que alguns dos artefatos expostos são túmulos e pertences pessoais que elucidam o sistema de ritual de morte das comunidades ali representadas (Figura 1). Para Régis Debray, “o nascimento da imagem está envolvido com a morte. Mas se a imagem arcaica jorra dos túmulos é por recusar o nada e para prolongar a vida” (1993:30). Acreditando nisso, estudamos os monumentos funerários com afinco e persistência.



Figura 1 – Sarcófago do setor de obras romanas do Museu Nacional de Copenhague, Dinamarca
Fonte: Foto da autora (2015).

Na atualidade, os cemitérios são considerados como um novo lugar simbólico que busca preservar identidades próprias, favorecer a convivência entre classes sociais distintas e preservar o espaço que agrupa obras funerárias que retratam a sua memória, itens favoráveis para transformá-los em museu. Na América Latina, apenas dois cemitérios estão incluídos no Sistema Nacional de Museus, segundo as normas dos seus países: o Cemitério San Pedro de Medellín (1842), na cidade de Medellín, Colômbia, incluído em 1998; e o Museu Presbítero Maestro (1808), em Lima, Peru, em 2003.

No Brasil, existem alguns cemitérios que são denominados “museus a céu aberto”, dada a existência de um grande número de obras funerárias provenientes de manifestações artísticas referendadas pela cultura erudita europeia. Mencionamos aqui alguns cemitérios dessa categoria: Cemitério da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia (Porto Alegre, 1850); Cemitério Santo Amaro (Recife, 1851); Cemitério São João Batista (Rio de Janeiro, 1852); Campo Santo (Salvador, 1853); Cemitério da Consolação (São Paulo, 1858); Cemitério do Bonfim (Belo Horizonte, 1897). Não temos, entretanto, a consolidação de uma política de ação patrimonial que se faça representar no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e no Conselho Internacional dos Museus (Icom).

Acreditamos que um “museu a céu aberto” deve abranger a preservação dos artefatos materiais ali existentes, com o intuito de sensibilizar as comunidades a meditar sobre a consciência histórica de vida e de morte dos seus cidadãos. Teríamos também que ponderar sobre os critérios adotados para essa denominação e estendê-los àqueles cemitérios que possuem túmulos de expressões artísticas de cunho popular, condizentes com sua realidade sociocultural. Voltamos a enfatizar que estamos evidenciando apenas monumentos funerários suntuosos de origem estilística europeia para compor o acervo de um “museu a céu aberto”.

Precisamos ver com outros olhos, por exemplo, o Cemitério Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Macapá (AP), onde as pessoas têm o hábito de proteger os túmulos com placas de amianto e decorá-los com flores de plástico de vários modelos, fabricadas com materiais resistentes à umidade do clima equatorial dessa região (Borges, 2005). O mesmo olhar deve ser endereçado ao Cemitério Santa Isabel (1855), instalado no sopé de uma das elevações da Serra do Sincorá, na cidade de Mucugê (BA). Ele possui uma visualidade espacial atípica na paisagem da região; seus jazigos de tijolos são revestidos de reboco e caiados de branco, e estão instalados sobre as pedras da serra. Seus ornamentos são simples e provenientes da arquitetura clássica e medieval, daí ter recebido a denominação “cemitério bizantino” por ocasião de seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan) em 1980 (Borges, 2008).

Em que medida a natureza dialética do museu se aproxima dos cemitérios que chamamos aqui de “museu a céu aberto”? A primeira situação é sobre o processo de seleção, tombamento e preservação das obras dos seus acervos, que são distintas. Os museus adotam critérios específicos para a aquisição de obras e seguem normas para a preservação de cada artefato material, inclusive, as fichas catalográficas. Atualmente, as administrações dos cemitérios que foram instalados no século XIX têm a função de selecionar monumentos funerários considerados como obras relevantes do seu acervo artístico e que se encontram instalados de modo aleatório. O procedimento de conservação das obras é mais complexo, pois a maioria dos monumentos funerários está exposta a céu aberto, e a poluição dos grandes centros urbanos, entre outros fatores, favorece sua deterioração.

No Brasil temos, desde 1930, alguns cemitérios tombados pelo Iphan, seja pela importância histórica, arqueológica e paisagística, seja artística ou religiosa (Borges, 2014; Castro, 2008). Existem também alguns monumentos funerários tombados por leis municipais. Tanto o tombamento integral do cemitério como o de túmulos individuais interfere pouco nas práticas de restauração e preservação desses bens patrimoniais, pois não existem normas institucionais concretas entre o Iphan e o Ibram que favoreçam a preservação dos cemitérios no Brasil.

Visitamos recentemente um dos “museus a céu aberto” mais importantes da Europa, o Cemitério Monumental de Staglieno (1835), em Gênova, Itália (Figura 2) e constatamos a falta de manutenção da maioria dos seus monumentos funerários. O cemitério, de configuração neoclássica, tem galerias semicirculares que agregam obras dos maiores escultores da região, típicas do neoclássico, do realismo, do simbolismo, do liberty e do art déco. Um local ideal para o turista adquirir conhecimentos da História da Arte dos séculos XIX e XX. Todavia, percebemos que o Centro de Restauo Lapidário do cemitério não tem condições de manter ações de higienização das esculturas de mármore de Carrara.



Figura 2 - Monumento da Família Rossi, esculpido por Giuseppe Benetti, da escola realista. Cemitério Monumental de Staglieno de Gênova, Itália. Fonte: Foto de Ana Rita Vidica Fernandez (2015).

Para nós, o cemitério ideal para ser considerado “museu a céu aberto” é aquele que possui ou agrega temporariamente uma equipe especializada em restaurar e preservar os monumentos funerários, composta por museólogos, historiadores, arte educadores, arquivistas e assessores de apoio, tais como engenheiros e arquitetos, que forneçam parâmetros para a conservação do acervo ali existente.

No Brasil existem poucos cursos de Conservação e Restauro, e, nesses, a política de preservação dos monumentos funerários parece que ainda não chegou a ser considerada como objeto de estudo. Provavelmente a ausência da autonomia financeira dos cemitérios públicos brasileiros influi sobre o processo de restauro e conservação desse patrimônio artístico, causando o desinteresse desses profissionais pela arte funerária, uma postura diferente da que ocorre em cursos similares na Europa, que possuem uma longa tradição em restaurar monumentos funerários.

Um dos primeiros processos de restauro de um cemitério brasileiro foi feito no Cemitério dos Ingleses (1811), na cidade de Salvador, realizado pelo arquiteto Ernesto Regino Xavier de Carvalho, entre 2004 e 2006. Nos procedimentos de restauração, houve a preocupação de conservar a história da arquitetura anglicana funerária do século XIX na Bahia e o seu entorno paisagístico voltado para a Baía de Todos os Santos.

Nesse mesmo período, a Association of Significant Cemeteries in Europe (Asce) teve a iniciativa de fazer um guia turístico para trinta cemitérios europeus. A Asce foi fundada em 2001 por administradores de cemitérios particulares e tem como finalidade promover o reconhecimento dos cemitérios europeus como bens culturais. Hoje a entidade se preocupa em proteger e restaurar os 59 cemitérios que lhes são vinculados, com o

tirar fotografia; como realizar a pesquisa genealógica das famílias e como fazer os primeiros passos do restauro do monumento. Com essa prática, os membros da AGS disseminam a formação de mão de obra especializada para a conservação dos túmulos.

No IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (Abec, 2010), sediado na cidade de Piracicaba (SP), foi realizado um workshop no Cemitério Municipal da Saudade, durante o qual os participantes aprenderam noções elementares de como fazer a higienização dos monumentos funerários, experiência que foi estendida aos funcionários do cemitério. Temos consciência de que essa iniciativa despertou nos membros da Abec a necessidade de preservar a arte cemiterial e a percepção de que tal tratamento é possível de ser realizado, dependendo da política de quem administra tais espaços, no caso, os órgãos públicos municipais.

Uma única experiência, todavia, é pouco para a conscientização efetiva dessa prática preservacionista, e as administrações públicas possuem muitas justificativas para não viabilizar uma manutenção adequada. Seria então o caso de ensinar esse procedimento aos limpadores autônomos dos túmulos, contratados pelos proprietários dos monumentos? Sabemos que, em 2004, a mantenedora do Museu Cemitério Presbítero Maestro, da cidade de Lima, Peru, investiu em uma ação arrebatadora que denominou “A trabajar urbano”. Foram contratados 200 trabalhadores para recuperar os jardins e fazer a limpeza das lápides e dos monumentos, por um período de seis meses (Anubis, 2008:5-8).

Acreditamos que, sem um inventário completo de um cemitério, prosseguiremos precariamente a tarefa de identificar e proteger esse tipo de patrimônio cultural. No Brasil existem poucos inventários sobre os procedimentos metodológicos no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do Iphan, que busca coletar o maior número de informações sobre esse universo social peculiar. Citamos, como exemplos, os livros *Inventário de Cemitérios de Imigrantes Alemães da Região da Grande Florianópolis*, de Elisiana Castro (2008), vinculado à religiosidade luterana e católica; e *Cemitérios no Caminho. O patrimônio funerário ao longo do Caminho das tropas nos Campos de Lages*, de Ana Lúcia Herberts e Elisiana Castro (2011), dedicado aos cemitérios da região sul do estado de Santa Catarina.

Entre as inúmeras maneiras de identificar o monumento funerário, consideramos um bom exemplo o Cemitério Modernista Montjuïc (1883) da cidade de Barcelona (Espanha). A placa do túmulo selecionado para a visita guiada está disponibilizada em três idiomas, e os dados de identificação são completos: nome da família, do arquiteto e do escultor; data da feitura da obra; estilo artístico predominante; e circuitos das visitas guiadas que contemplam a obra (Figura 4). É evidente, nesse caso, a contratação de uma equipe especialista em várias áreas do conhecimento artístico e tecnológico para se chegar a esse resultado.



Figura 4 – Placa de um túmulo do Cemitério Modernista Montjuïc, de Barcelona, Espanha
 Fonte: Foto da autora (2014).

Constatamos que existem dificuldades para a realização do processo de inventariar, preservar e restaurar os cemitérios europeus, norte-americanos e latino-americanos, e entre estes, os brasileiros, dada a especificidade de cada obra e de sua localização. Os cemitérios particulares europeus contam com bons restauradores, que contribuem para a preservação de seu patrimônio material. Os pesquisadores norte-americanos da AGS têm maior preocupação em ampliar o levantamento dos cemitérios rurais mediante a realização de seus inventários e de sua preservação.

Já os administradores dos cemitérios particulares latino-americanos e os pesquisadores vinculados à Red Iberoamericana Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales trabalham para transformar seus cemitérios em corpos patrimoniais do Sistema Nacional de Museus. Para tanto, eles procuram adotar os parâmetros estabelecidos na Carta Internacional de Morelia, firmada em Morelia, México, no I Congresso Internacional da Red Iberoamericana ocorrido em 2005. A carta tem como propósito reafirmar o direito cultural desses espaços funerários e estabelece algumas medidas e critérios a serem aplicados no conhecimento, na valoração e na proteção dos cemitérios em âmbito internacional, partindo dos princípios e recomendações propostas pela Unesco (Apuntes, 2005:154-157).

A Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (Abec) está há pouco tempo vinculada à Red Iberoamericana e, dada a expansão territorial do país, existe uma realidade bastante comum quanto ao aspecto de preservação dos cemitérios brasileiros: os particulares possuem condições melhores de conservação, enquanto os públicos têm pouco orçamento para permanecer em funcionamento, e, por isso, o trabalho para preservá-los é árduo, além de haver falta de conscientização das administrações públicas quanto à importância do seu legado histórico e artístico. Os pesquisadores acadêmicos estudam o valor histórico, arquitetônico e

cultural de alguns cemitérios dos grandes centros, com o intuito de denominá-los “museus a céu aberto”, e têm manifestado um crescente interesse pela preservação dos cemitérios periféricos. Todavia, os pesquisadores têm pouca inserção política para reivindicar ações semelhantes às normas preestabelecidas pela Carta Internacional de Morelia.

Um leque de ações a se considerar

Os “museus a céu aberto” estão se tornando locais para atividades culturais variadas, verdadeiras “fábricas de grandes eventos”, assim como ocorre em museus e centros culturais instalados em vários países do mundo ocidental. Cabe explicitar a variedade de programas que visam sensibilizar a comunidade local quanto à preservação do patrimônio dos cemitérios convencionais, vistos também como “lugares de memória” e como locais expandidos da cidade e que se renovam constantemente. Os cemitérios instalados nos grandes centros urbanos do Brasil são considerados “museus a céu aberto”, conforme citamos no presente texto. Eles investem em programas de proteção de seus acervos culturais e contam, algumas vezes, com a ajuda de outros órgãos da administração pública e/ou privada. O grande montante de ações preservacionistas é realizado por pesquisadores vinculados à Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (Abec).

Os procedimentos adotados para a preservação dos cemitérios são variados, e incluem visitas guiadas, atividades culturais e artísticas e programações educacionais realizadas *in loco*. Atentamos para a crescente produção acadêmica realizada sob a custódia de programas de pós-graduação no país e que contribuem como suportes teóricos para essas ações, conforme consta do livro *Estudos cemiteriais no Brasil: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos* (Borges; Santos; Gomes, 2010). Como consequência dessas iniciativas, está havendo uma ampliação de materiais de divulgação e comunicação sobre o “museu a céu aberto”, inclusive, recorrendo à utilização do que há de mais avançado nos meios eletrônicos e digitais. Destacamos a seguir algumas sistemáticas de ações relevantes.

– *As visitas guiadas nos cemitérios brasileiros ampliam-se a cada dia, e a programação de cada uma delas prevê uma maneira própria de conduzir os visitantes, conforme constam dos exemplos a seguir.*

O Cemitério da Soledade (1850-1880), da cidade de Belém, é administrado pelo município e foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1964. A unidade do Iphan do Pará tem por hábito de realizar visitas guiadas de quatro horas com alunos de escolas públicas e privadas, sob a coordenação da historiadora e funcionária do Instituto, Paula Andréa Caluff Rodrigues¹. O site do órgão

¹ Paula Andréa Caluff Rodrigues é autora do livro *O tempo e a pedra* (2003), no qual resgata a história e a simbologia dos monumentos construídos com a cantaria portuguesa - mármore de Lioz; ornamentos com esculturas de mármore de Carrara e grades de ferro inglesas. Podemos considerar o Cemitério da Soledade como um espaço único, que agrega um dos melhores exemplares da

divulga o dia e a hora da realização da palestra que antecede a visita ao cemitério (Figura 5). A historiadora faz um trabalho voltado para a conscientização sobre a necessidade de conservação, proteção e segurança do referido cemitério, além de estimular o aprendizado da arte estatutuária. Já foram elaborados alguns projetos de revitalização da área, mas enquanto eles ficam no papel, as intempéries e o vandalismo tomam conta do local.



Figura 5 – Fac-símile da propaganda da visita guiada no Cemitério da Soledade, em Belém, Pará. Fonte: Rede Casas do Patrimônio - Pará².

O Cemitério São João Batista (1852)³, da cidade do Rio de Janeiro, é administrado pela Concessionária Rio Pax desde 2014, dentro do Projeto Museu a Céu Aberto. As visitas guiadas ocorrem uma vez por mês com grupos de até 100 pessoas, e o agendamento é feito com o historiador Milton Teixeira. O roteiro de visita inclui monumentos funerários de personalidades que fazem parte da história brasileira e de artistas famosos ali enterrados. A visita é finalizada dentro do mausoléu da Academia Brasileira de Letras, onde estão enterrados mais de 60 imortais, como o fundador da ABL, o escritor Machado de Assis. O projeto propicia divulgar conhecimento sobre arte funerária e a história de vida dos personagens sepultados no local e atende ao pleito de alunos de escolas que oferecem educação básica e também de turistas estrangeiros interessados em conhecer um pouco mais sobre os pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro.

arte funerária europeia do século XIX instaladas no Brasil; todavia, hoje o consideramos como um dos mais deteriorados do país. Ele foi inaugurado no início do crescimento da exportação da borracha na região.

² Disponível em: <<http://casadopatrimoniopa.wordpress.com>>. Acesso em: ago. 2014.

³ O Cemitério São João Batista nasceu sob a custódia da administração da Santa Casa da Misericórdia e aos poucos foi tornando-se o preferido das classes dominantes do período republicano. Lá estão sepultados segmentos expressivos do período: presidentes, políticos de projeção, chefes militares e a alta burguesia carioca, somados hoje com os túmulos de artistas e compositores brasileiros. Agrega uma quantidade significativa da estatutuária brasileira construída por escultores de grande teor artístico, plausível de ser denominado então “museu a céu aberto” (Lima, 1994).

O livro bilíngue *Guia de visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula: arte e memória no espaço urbano* (2014), de autoria da pesquisadora da Abec Clarissa Grassi, faz um minucioso levantamento iconográfico das obras significativas desse cemitério de Curitiba. O livro vem acompanhado de um folder, no qual consta a planta do cemitério, fundado em 1854⁴. Grassi destaca os monumentos mais importantes do ponto de vista histórico e artístico e indica uma sugestão de percurso no espaço funerário, subdividido em categorias. Ela também é responsável pelas visitas guiadas que ocorrem uma vez por mês, durante duas horas, com a participação de até trinta pessoas, ocasião em que detalha o significado simbólico das esculturas e ornamentos dos monumentos. Queremos destacar uma das visitas guiadas voltadas exclusivamente para cegos, durante a qual coube à guia descrever os ornamentos funerários, enquanto os visitantes os distinguiam pelo tato. Para desenvolver essa atividade, o cemitério está conveniado com a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (Mase) de Curitiba.

No Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim (1897), de Belo Horizonte, existe a prática de uma vez por mês as visitas serem guiadas sob a orientação da pesquisadora da Abec e professora Marcelina Almeida, iniciativa da Fundação de Parques Municipais e da Escola de Design de Belo Horizonte. Durante o percurso, a guia tem a preocupação de mostrar o “lugar de memória” dos intelectuais e políticos ali enterrados e destacar obras funerárias dos escultores locais, inclusive, as poucas esculturas que restam em pedra sabão, material recorrente durante o período colonial mineiro. Cada visita guiada conta com a participação de um público bem eclético e cumpre um percurso de três horas. A pesquisadora tem também ministrado cursos de capacitação para os funcionários do cemitério, e suas pesquisas foram primordiais para a efetivação do inventário do local, realizado como parte do Programa de Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais (IPAC/IEPHA/MG).

Muitas cidades europeias e ibero-americanas também adotam o sistema de visitas guiadas em seus cemitérios, cuja sistemática de ação são mais ou menos similares. Queremos aqui avultar uma experiência vivenciada por nós em 1999, em Londres, que merece ser acrescentada por conta da peculiaridade de sua sistemática de ação. O Cemitério de Highgate⁵ (1839), instalado no norte da cidade de Londres, tornou-se atração turística por conta das personalidades que se encontram enterradas em seus espaços e pela sofisticação da arquitetura vitoriana. O encantamento do cemitério está na sua parte oeste, onde se concentram as

⁴ Ao realizar o trajeto de visita ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula, constatam-se em toda sua extensão monumentos funerários provenientes de vários estilos arquitetônicos, desde aqueles de influência eclética até modelos *art déco* e modernistas. Sua estética formal segue o modelo dos cemitérios da burguesia europeia, que visa conferir o status das famílias dos políticos, artistas, comerciantes e industriais ali enterradas (Grassi, 2014).

⁵ O Cemitério de Highgate foi inaugurado pelas Igrejas Anglicanas e dissidentes com o nome de St. James, por ocasião do 20º aniversário da rainha Victória. Tornou-se rapidamente um local de moda, dada a qualidade artística dos monumentos instalados na parte oeste do cemitério. A ampliação da parte leste, realizada em 1854, é muito visitada também, pois lá estão enterrados o sociólogo alemão Karl Marx e o filósofo Herbert Spencer (Pateman, 1992).

catacumbas egípcias, os túmulos e edifícios góticos e as campas vitorianas. Ele é administrado pela Associação do Cemitério Highgate, fundada em 1975. As visitas guiadas são realizadas por pessoas aposentadas que vivem no bairro, também responsáveis pela manutenção do cemitério desde 1987, e que são chamadas de Amigos do Cemitério (Figura 6). O visitante agendado recebe plantas do cemitério e paga valores diferenciados para visitar cada uma das duas partes em que o cemitério é subdividido.

Dada a poluição da região, a administração do Highgate possui convênios com instituições botânicas de Londres e, juntos, estão realizando há vários anos um trabalho de reflorestamento do local, visando a manutenção e a ampliação de árvores exóticas e de arbustos, e, conseqüentemente, a permanência de animais no cemitério e no parque ao lado. Trata-se de um trabalho de política pública moroso, pois visa dar um tratamento adequado à área verde, para solidificar o solo. Depois de feito isso, segundo o guia, é que será realizado o processo de restauro e preservação dos monumentos vitorianos que estão em estado precário. Diríamos que essa prática preservacionista seria incompreensível para um país de cultura imediatista como o nosso.



Figura 6 - Visita guiada no Cemitério de Highgate, parte oeste, lado vitoriano, Londres
Fonte: Foto da autora (1999).

– As visitas guiadas nos cemitérios durante o período noturno ampliam-se a cada dia no Brasil. Elas são acompanhadas por programações artísticas que seguem um repertório abrangente, conforme consta de alguns exemplos selecionados por nós.

A proposta de criar circuitos turísticos noturnos nos cemitérios brasileiros provavelmente advém do conhecimento dos programas denominados “Noite de Lua Cheia”, realizados nos cemitérios museus instalados em cidades ibero-americanas. Vivenciamos duas experiências: uma no Cemitério San Pedro de Medellín, em 2009 (X Encuentro Iberoamericano de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales) e outra no

Cemitério Museu Presbítero Maestro de Lima, em 2015 (XVI Encuentro Iberoamericano de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales). Os administradores desses dois cemitérios normalmente incluem uma visita guiada aos monumentos que consideram de grande valor artístico e/ou histórico, e a visita é encerrada em frente a um local estratégico do cemitério, onde acontece uma apresentação artística, que pode ser uma peça teatral, uma dança, um repertório musical, uma declamação poética ou uma exibição cinematográfica. As universidades do Peru são parceiras atuantes nos espetáculos no Museu Presbítero Maestro. Em Medellín, a orquestra sinfônica, cujo concerto assistimos, é composta por jovens da comunidade local e patrocinada pelo programa pedagógico do cemitério.

No Brasil, o Cemitério da Santa Casa de Caridade⁶ de Bagé (1858), cidade do Rio Grande do Sul, tem um projeto cultural denominado “Sarau Noturno”, iniciado em 2008. Ele é originário do Projeto História através da Arte Cemiterial, coordenado pela professora Clarisse Ismério, da Universidade da Região da Campanha (Urcamp), de Bagé. A visita guiada consiste em acompanhar os jovens universitários pelos monumentos que se sobressaem pela história de vida dos falecidos e/ou pela sua qualidade artística. A performance é bem complexa: os jovens representam personagens da literatura romântica, como Shakespeare e Lord Byron, e, vestidos a caráter, declamam poesias, cantam trechos musicais e teatralizam o contexto histórico bageense à medida que vai prosseguindo a visita. Para a coordenadora, há uma “sobreposição de valores culturais reordenados”, termo cunhado por Lyotard quando referenda a perspectiva do pós-modernismo (Ismério, 2015, p. 25).

O Cemitério da Consolação⁷ (1858) de São Paulo há muitos anos tem seu programa de visitas guiadas, que passaram por várias fases e interlocuções. Em 2014 foi implantado o projeto Memória e Vida Consolação, mediante convênio firmado entre o Serviço Funerário Municipal de São Paulo e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que objetiva inovar o uso desse espaço com a realização de práticas culturais diversas, tais como visitas guiadas, apresentações musicais e teatrais, e exibição de filmes à noite, denominada “cinetério”. Provavelmente, o último evento realizado no cemitério da Consolação foi o espetáculo musical e teatral “Música de Feitiçaria - Rito de Passagem”, encenado pelo Núcleo Tecno-rupestre, no dia 25 de fevereiro do corrente ano, em frente ao túmulo de Mário de Andrade, em uma homenagem aos 71 anos de morte do poeta paulistano (Folha de S. Paulo, 25/02/2016).

⁶ O desenvolvimento da cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, advém das charqueadas instaladas na região em meados do século XIX. O cemitério possui um conjunto de túmulos suntuosos, construídos em mármore de Carrara, de influência europeia e segundo a moral positivista. Lá estão enterrados heróis da Revolução Farroupilha e da Guerra do Paraguai (Ismério, 2015).

⁷ O Cemitério da Consolação foi o primeiro cemitério secularizado na cidade de São Paulo. Abrigava cadáveres de todos os segmentos sociais e aos poucos tornou-se espaço simbólico da elite paulistana no início do século XX. Ali há uma variedade de monumentos ecléticos, nos estilos *art nouveau*, *art déco* e moderno, construídos por escultores brasileiros e europeus afinados com o que se fazia na Europa. Esse “museu a céu aberto” tornou-se ponto turístico da cidade de São Paulo. Disponível em: www.artefunerariabrasil.com.br/

– *Os poucos programas pedagógicos existentes nos cemitérios visam sensibilizar e conscientizar a sociedade sobre o valor da vida.*

O Cemitério Museu de San Pedro de Medellín⁸ criou em 2000 o projeto “O Cemitério como lugar pedagógico” e implantou várias ações que visam a despojar a morte de seu caráter violento e trágico. Trata-se de tentar esquecer uma realidade vivida pelos colombianos durante um período histórico com muitas mortes provenientes do narcotráfico e que, ao mesmo tempo, procura associar o espaço do cemitério com a arte e a história. A proposta visa trazer a comunidade do entorno para dentro do cemitério, convertendo o local em um centro de aprendizagem e vivência para crianças, jovens, adultos e idosos.

Algumas ações já realizadas: a) confecção de um banner, no qual um grupo de crianças registrou, com desenhos e textos, as suas experiências de perdas vividas, procurando reconhecer e manter presente a memória de personalidades enterradas naquele lugar; b) realização do “Bazar da Vida”, ou de San Isidro, que consiste na promoção da economia solidária da comunidade excluída do mercado informal, dando espaço no cemitério para a venda de produtos manuais e alimentos caseiros; c) promoção do concurso de oferendas funerárias, realizado com os vendedores de flores que comercializam seus produtos ao redor do cemitério. Todas essas ações fazem com que o cemitério assuma um novo tipo de gestão e se sobressaia na liderança do processo de consolidação da comunidade, conforme relata Catalina Velásquez Parra, diretora do referido museu (Parra, 2005). Desconhecemos experiências similares no Brasil.



Figura 7 – Banners feitos por crianças em ação pedagógica realizada no cemitério museu de San Pedro, de Medellín, Colômbia. Fonte: Foto da autora (2009).

⁸ O Cemitério Museu de Medellín é privado e foi fundado por uma sociedade de acionistas. Uma junta diretiva é encarregada da sua administração. Agrupa imponentes mausoléus, similares aos da Europa. Ali estão enterradas grandes personalidades da vida pública da cidade de Medellín, grande polo econômico da região antioquena da Colômbia (Parra, 2005).

Para esclarecer melhor as atividades culturais apresentadas no presente texto, observamos que a maioria das visitas guiadas vem acompanhada de um folder informativo, impresso em frente e verso, com formatos e modelos variados, e ilustrado com fotografias. A apresentação da planta do cemitério é necessária para destacar o percurso e os monumentos relevantes a serem visitados e que serão relacionados com o contexto histórico e/ou artístico. Há sempre um pequeno texto sobre o histórico do cemitério e os procedimentos para contato (Cemitério da Consolação, guia de visitação; Circuito Cultural Campo Santo Santa Casa de Misericórdia da Bahia) (Figura 08). Poucos folders acrescentam uma análise sucinta da história e do teor artístico dos monumentos relevantes do local, e neste texto destacamos os que foram realizados por nós sobre o Cemitério Santana (1940) de Goiânia, em 2001 (Figura 9), e sobre o Cemitério São Miguel (1858) da cidade de Goiás, em 2005.



Figura 8- Fac-símile da parte interna do folder: Circuito Cultural Campo Santo. Santa Casa de Misericórdia da Bahia. Salvador. Fonte: Acervo pessoal da autora.

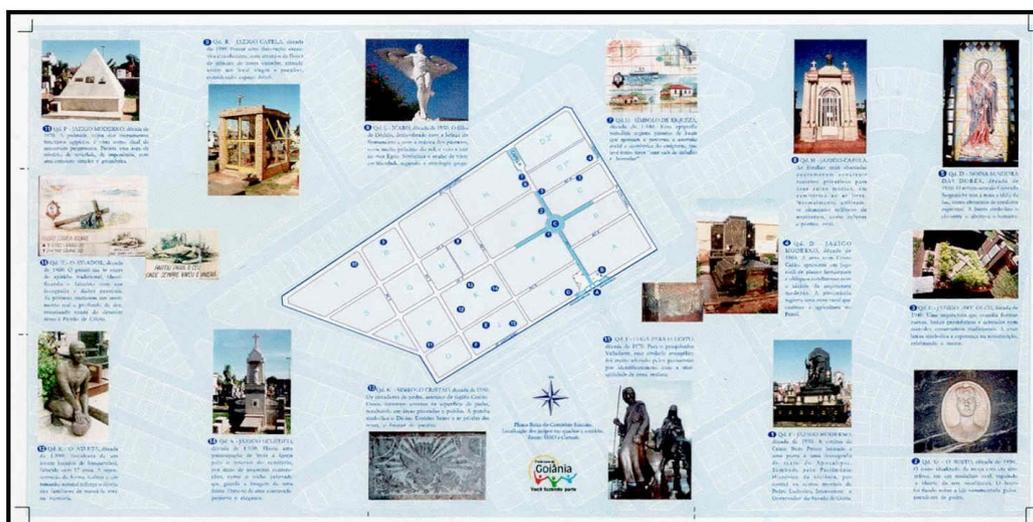


Figura 9- Fac-símile da parte interna do folder do Cemitério Santana, Goiânia, 2001 Fonte: Acervo pessoal da autora.

Atualmente, tanto os museus como os “museus a céu aberto” apropriam-se do avanço tecnológico para complementar as informações sucintas adquiridas durante as visitas guiadas. O caso mais recente consiste na instalação do aplicativo de leitura de QR Code, que, uma vez acessado por smartphone ou tablet, traz mais dados biográficos sobre o falecido e o monumento funerário.

Os cemitérios secularizados tornaram-se, sem sombra de dúvida, uma instituição cultural da sociedade ocidental. A preservação do seu patrimônio é uma das formas de legitimá-lo, assim como as atividades artísticas e culturais realizadas *in loco*. Os agentes dessas ações, conforme delineamos, preocupam-se em marcar o cemitério como um espaço humanizado, onde os vivos podem obter um conhecimento histórico amplo do passado e do presente de uma cidade. A vivência adquirida com e sobre a morte do outro propicia o exercício da sensibilidade humana, um sentimento que deve ser estimulado na sociedade atual. O fato de alguns cemitérios serem vistos como “museus a céu aberto” reforça certamente a legitimação desse patrimônio cultural, quiçá da humanidade.

Referências

- ANUBIS. Uma Revista que Trasciende. *De la mano con el Presbítero Maestro*. Entrevista al Presidente de la Sociedad de Beneficencia de Lima Metropolitana. Lima: Ediciones Nova Print SAC, año 1, n. 1/ Perú, 2008, p. 5-8.
- APUNTES. Cementerios Patrimoniales de América Latina. *Carta Internacional de Morelia*. Relativa a cementerios patrimoniales y arte funerario. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana. v. 18, n. 1-2, 2005, p. 154-157.
- BORGES, Maria Elizia. Expressiones artísticas de cuño popular en cementerios brasileños. In: VIÑUALES, Rodrigo Gutiérrez (director). *Arte latino-americano del siglo XX*. Otras historias de la Historia. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2005.
- _____. CEMITÉRIO DE SANTA ISABEL DE MUCUGÊ: uma arquitetura peculiar que visa preservar a memória dos entes queridos (BA). In: XXVIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 1808-2008: MUDANÇAS DE PARADIGMAS PARA A HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL. Rio de Janeiro: UERJ – CBHA, 2008, Anais do Colóquio.
- _____. Cemitérios secularizados no Brasil: um olhar histórico e artístico. In: RODRIGUES, Cláudia; LOPES, Fábio Henrique (Orgs.). *Sentidos da morte e do morrer na Ibero-América*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- _____. SANTOS, Alcineia Rodrigues; GOMES, Larissa Tavares Silva (Orgs.). *Estudos Cemiteriais no Brasil*: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos. Goiânia: UFG/FAV/Ciar/Funape, 2010.
- CASTRO, Elisiana Trilha. *Hier ruht in Gott*: Inventário de cemitérios de imigrantes alemães da Grande Florianópolis. Blumenau, SC: Nova Letra, 2008.
- DEBRAY, Regis. *Vida e morte da imagem*: uma história do olhar no ocidente. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- FELICORI, Mauro; ZANOTTI, Annalisa. *Guida.Cimiteri D'Europa*. Un patrimonio da conoscere e restaurare. Bologna: Comune di Bologna, 2004.
- FOLHA DE S. PAULO. *Espetáculo homenageia Mario de Andrade*. C10 Ilustrada, 25/fev./2016.
- HERBERTS, Ana Lúcia; CASTRO, Elisiana Trilha. *Cemitérios no caminho*. O patrimônio funerário ao longo do Caminho das tropas nos Campos de Lages. Blumenau, SC: Nova Letra, 2011.

ISMÉRIO, Clarisse. Projeto Sarau Noturno: Contando a história da cidade de Bagé/RS através da arte cemiterial. In: XVI ENCONTRO IBERO-AMERICANO DE VALORACIÓN Y GESTIÓN DE CEMENTERIOS PATRIMONIALES. Lima, Peru, 2015. Anais do encontro.

LIMA, Tânia Andrade. “Dos morcegos e caveiras a cruces e livros: a apresentação da Morte nos cemitérios cariocas do século XIX”. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*. São Paulo, v. 2, p. 87-150, 1994.

PARRA, Catalina Velásquez. Recuperación del Cementerio de San Pedro de Medellín: una propuesta sobre la creación de las políticas para la gestión y sostenibilidad del patrimonio cultural. In: *Apuntes. Cementerios Patrimoniales de América Latina*. v. 18, n. 1-2, p. 118-133, 2005.

PATEMAN, Jean. *In Highgate Cemetery*. Londres: Friends of Highgate Cemetery, 1992.

PINTO, Suely Lima de Assis. *Arquivo, Museu, Contemporâneo*. A fabricação do conceito de arte contemporânea no museu de arte de Santa Catarina – MASC/SC. Tese (Doutorado em História). Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2011.

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. *O tempo e a pedra*. Belém: Gráfica Santa Marta, 2003.

Sites consultados

www.artefuneriabrasil.com.br.

<http://casadopatrimoniopa.wordpress.com/>